



RESENHA

Uma análise sociológica do filme “Parasita”

A sociological analysis of the film “Parasite”

Ana Cláudia Bessa

Graduanda em Sociologia
UFF – Universidade Federal
Fluminense
anabessa.uff@gmail.com

Dados da obra

PARASITA. Direção: Bong Joon Ho. Elenco: Kang-ho Song, Hye Jin Chang, Woo sik-Choi, Jung Ziso, So-dam Park, Jung Hyeon-jun. Coreia do Sul, 2019. 132 min.

A arte é combatida por alguns – ou muitos – porque a arte pega muitas verdades e as expõe para a sociedade, ora de forma franca e clara, ora de forma simbólica. O filme “Parasita” é uma produção que cumpre este papel representado pela arte: o de mostrar uma realidade que pode não estar tão visível. Para entender o contexto do filme, é importante observar o que a sinopse¹ diz:

Toda a família de Ki-Taek está desempregada, vivendo num porão sujo e apertado. Uma obra do acaso faz com que o filho adolescente da família comece a dar aulas de inglês à garota de uma família rica. Fascinados com a vida luxuosa destas pessoas, pai, mãe, filho e filha bolam um plano para se infiltrarem também na família burguesa, um a um. No entanto, os segredos e mentiras necessários à ascensão social custarão caro a todos. (ADORO CINEMA, 2019)

A história é tão bem narrada que, em 2020, o filme ganhou 4 estatuetas do Oscar – a mais prestigiada premiação do cinema mundial – merecidamente: melhor filme, melhor diretor, melhor roteiro e melhor filme estrangeiro. O filme surpreende

1 A sinopse escolhida foi retirada de um site da Internet que cujo tema é cinema. Existem vários sites similares e cada um tem seu texto de sinopse próprio. O trecho citado foi escolhido por atender aos propósitos de informar adequadamente sobre o filme.

desde o começo porque é um longa-metragem totalmente falado em seu idioma original: o coreano. Pode parecer um simples detalhe, mas, as notícias que encontrei que falam sobre o filme, não mencionam o idioma coreano falado no filme. Somente descrevem o filme como “o primeiro filme premiado não falado na língua inglesa” ou, ainda, “o primeiro filme estrangeiro premiado sendo falado em outro idioma”. O nome do – outro – idioma é, na maioria absoluta das vezes, ocultado. O idioma original é simbolicamente apagado quando é insistentemente não mencionado. E esse apagamento também tem a ver com a temática do filme que fala em desigualdade. Esse apagamento é um sintoma da dominação de uns sobre os outros, sejam indivíduos, países, idiomas ou culturas. A cultura oriental, aquela cultura considerada exótica, que tem o Ocidente como parâmetro.

Essa ocultação do idioma do filme, usando como referencial a língua inglesa, me remeteu ao texto sobre *Orientalismo* de Edward Said (1990). O texto trata da construção de um Oriente pelo Ocidente, no contexto da colonização europeia. A construção de um discurso dominante que produz o mundo. Ou seja, um Oriente colonizado, criado pela Europa colonizadora, produzindo uma realidade a partir das relações de poder e dominação europeias. Uma dominação que produz uma narrativa entre o que é o um e o outro, sobre quem é o “nós” e sobre quem é o “outro”. O outro como o estranho, diferente. Diferente em relação ao padrão constituído socialmente definido no ocidente. O oriente é o exótico, que não é ocidental. E no caso do filme, o coreano é idioma cujo nome não é citado quando é definido como o idioma que não é da língua inglesa. Sendo o inglês o idioma normalmente falado nos filmes. Coreano é o idioma exótico, o outro, o que não é normal. Definição que também que se confunde com autoridade. A autoridade, que no mundo do cinema, pertence ao idioma inglês. O filme trata do mundo construído por meio de palavras e de narrativas criadas dentro da dominação. Partindo deste ponto, retrata magistralmente o seu tema, no idioma, na palavra dita, nos códigos partilhados por uma outra população – que se difere da cultura ocidental – que domina o mundo. E as disputas de poder vão tentar apagar esta resistência oriental não citando o idioma do filme ao descrevê-lo, quase em uma negação – não confessa – da existência dessa outra língua. Essa situação explícita sobre como a dominação opera e como o discurso é usado para legitimar essa dominação, muitas vezes, de

forma indireta, sem que se consiga perceber. O que fica é a ousadia de não produzir o filme na língua inglesa.

Em síntese, como revelado na sinopse, o filme narra a história de uma família pobre que sobrevive em um porão apertado, onde todos os membros estão desempregados e que, a partir de um determinado momento, conseguem trabalhar na casa de uma família burguesa que vive numa casa espaçosa. É a partir da relação entre essas duas realidades que toda uma trama se desenvolve com um pano de fundo baseado na crítica social. A desigualdade social na Coreia do Sul é retratada como um drama com pitadas de um humor ácido e com mensagens subliminares que fazem o telespectador rir e refletir quase ao mesmo tempo.

As casas das duas famílias se mostram simbolicamente muito importantes na composição da narrativa. A descrição das mesmas é fundamental para entender a dinâmica do filme. Na sociologia, a casa pode ser tratada como um fato social total por ser onde se estabelecem primeiras relações de poder, relações econômicas, modos de vida e relações familiares. É na casa que nascem os laços de parentesco, a primeira coletividade, onde se dão as vivências compartilhadas, onde as primeiras relações sociais se estabelecem e onde se dá o reconhecimento como família, com proteção mútua, união e colaboração. Existem múltiplas maneiras de pensar a casa e elas podem ser discutidas de inúmeras perspectivas. Acima de tudo, a casa é o local das vivências concretas e é assim que o filme se desenvolve narrando as casas dessas famílias.

A arquitetura das casas foi usada para revelar os modos de vida, evidenciando uma oposição entre qualitativo e quantitativo. A casa da proletária família Ki-Taek é um tipo de porão intermediário – entre o solo e subsolo – com pouco espaço para movimentação, pouco ventilado, que não recebe luz do sol e cuja janela fica na altura da rua onde transeuntes urinam. Em contraposição, a casa da família burguesa, a família Park, é uma casa projetada por arquitetos, espaçosa, com jardins bem cuidados, com amplas janelas e poucos móveis. É a partir dessa relação de oposição entre as condições de moradia, representadas pelas casas, que as classes sociais opostas são retratadas em diversas situações, muitas vezes, caricatas. O espaço expressa e reproduz as relações sociais e o nosso lugar no mundo. O filme usa o ambiente das casas para mostrar como vivemos de formas

diferentes em relação à classe social e foi muito assertivo quando escolheu esta orientação para contar essa história.

Além da casa, múltiplas dimensões da vida social são retratadas no filme. A realidade dos subempregos e da precarização do trabalho está presente o tempo todo. A exploração da força de trabalho no capitalismo expõe as relações sociais que se estabelecem a partir do trabalho e como essas relações produzem e reproduzem diferenças entre populações. A homogeneização pelo capital e a pauperização “que cresce mais rapidamente que a riqueza” (MARX, 2001), tão evidenciadas em suas obras, também estão neste filme. Situações muito representativas são apresentadas até de forma propositadamente exagerada, porém sem perder seu caráter profundamente real. Uma delas é o trabalho que a família Ki-Taek realiza em casa para conseguir alguma renda: eles montam caixas de *delivery*² para entrega de pizza e recebem o pagamento de acordo com a produção. Uma situação de trabalho que exemplifica o auge da precarização: trabalhadores que executam atividades laborais em suas casas, num ambiente não adequado, sem limites de horário, sem ajuda de custo, sem ter direitos sociais, sem contrato de trabalho e recebendo sob demanda.

No Brasil, assim como em várias partes do mundo, estamos vivendo uma situação política, econômica e social em que se nega a luta de classes. Karl Marx (1818-1883), que foi o grande teórico da luta de classes, tem sido fortemente combatido no Brasil por conta de um suposto “marxismo cultural”³ que estaria sendo implementado pela esquerda nas escolas e universidades sustentando uma ideia de luta de classes que, segundo alguns, não existe. Um discurso que defende que Marx, e sua teoria de luta de classes, são uma das causas da polarização na sociedade. Ou seja, Marx estaria errado pois não existem classes sociais, logo, não há luta entre classes que não existem. No filme, a luta de classes é clara. O filme mostra, em várias situações, que a luta de classes está posta e como ela se dá em nossa sociedade.

2 São caixas para entrega de pedidos de pizza. A palavra *delivery* uma palavra de origem do idioma inglês que significa entrega e que já foi incorporada em nosso idioma para definir este tipo de prestação de serviço.

3 É a denominação dada a um tipo de teoria da conspiração criada pela extrema-direita onde se acredita que a esquerda planeja fazer a dominação cultural da sociedade por meio do uso e ensino das teorias marxistas.

O comportamento das famílias mostra a contraposição entre riqueza e pobreza com este viés bem eloquente: enquanto os ricos são absurdamente alienados e demonstram quase total desinteresse em observar o mundo à sua volta, os pobres desenvolvem habilidades e malandragens ingênuas na busca de oportunidades para sobreviver e tentar ascender socialmente. As situações são tão surreais que somente dão resultado por puro golpe de sorte. Essas situações são retratadas de uma forma bem teatral e, em certa medida, exagerada. Um bom momento que retrata esse perfil caricato do filme é o plano que os “espertos” Ki-Taek bolam para que toda a sua família consiga trabalhar na casa da “ingênuo” família Park.

A representação dessas situações bem caricatas levou aos conceitos sociológicos de Weber (2009). Max Weber procura explicar o comportamento humano e o significado das relações sociais através do sentido, do significado e da motivação das ações. O “tipo ideal” de Weber é um recurso metodológico de análise que, através de uma situação abstrata, busca entender a realidade. Uma situação abstrata que não perde conexão com a realidade concreta, e essa é a graça da história. Embora não seja possível afirmar que o filme está fazendo análises sociológicas ou colocando conceitos de Weber premeditadamente, pode-se fazer essa abstração e uso dessa licença poética para trazer o filme para a sociologia clássica. O filme passa essa ideia de que, ao fazer representações propositalmente exageradas, o diretor poderia estar, assim como Weber descreve, mostrando situações como se fosse um conceito de “tipo ideal” – quase abstrato, sem perder conexão com a realidade – para descrever as ações concretas dos indivíduos dentro de uma realidade coletiva de desigualdade social e de claro conflito de classes. O fato é que o diretor acerta o alvo. O telespectador consegue, através das situações caricatas, perceber aquilo que no dia a dia pode passar despercebido. Para isso, o roteiro usa narrativas abstratas que mostram situações que dificilmente dariam certo no mundo real, mas que servem perfeitamente para dar destaque à realidade social que o filme pretende evidenciar.

Através da narrativa do filme, vemos uma forma de olhar as questões sociológicas pela dimensão espacial. Outra abordagem importante se refere ao território que é construído pelas circunstâncias e demandas sociais. A expansão espacial nas cidades sobre áreas que tinham outros usos, vem trazendo uma ideia

de avanço e ressignificação dos espaços. Espaços estes que interferem e comprometem a manutenção da vida e contribuem para perpetuação de condições sociais precárias. A casa-porão da família Ki-Taek está numa área densamente povoada, mostrando o crescimento desordenado e desproporcional, a falta de investimento público e a ausência de políticas habitacionais. Somado a isso, revela como as pessoas são afetadas pelos sintomas do sistema capitalista que prevê o empobrecimento de muitos e acumulação de riqueza por poucos. Os processos econômicos e os processos vividos se misturam, imbricando modos de viver e morrer. Levando as esperanças humanas ao no limite do (in)suportável.

Numa das cenas que mais marcam, o pai da família Ki-Taek, depois de ter a casa invadida pelas águas de uma forte chuva, se vendo repentinamente sem casa e sem seus poucos bens, conversa com o filho sobre a dificuldade de se fazer planos diante das incertezas da vida. A vida proletária é a curto prazo, tudo pode mudar de uma hora para outra. Nada é permanente. Em seguida, eles recebem uma ligação da família burguesa, que enfrentou a mesma chuva sem sofrer consequências ou prejuízos em suas vidas. Na ligação, os Park convidam os Ki-Taek para uma festa. Ou seja, a chuva não somente não afetou a vida burguesa, como eles conseguem manter seus antigos planos, fazendo outros novos planos. As mensagens do filme são sempre assim: beirando um exagero na narrativa, com o objetivo de fazer refletir.

O filme contém um texto carregado de sentidos construídos socialmente que retrata a luta de classes, baseada numa desigualdade social extrema, onde a ascensão social é uma ilusão. Uma luta tão dramática que só tem um fim: a violência também extrema. O filme termina quase como uma tragédia grega, uma catarse onde as histórias narradas se cruzam, se confrontam e se destroem. Ao mesmo tempo que não surpreende porque parece já ser esperado algo tão dramático diante de uma história tão densa. Mas a história não termina ainda. Ela tem um último ato que leva de volta às casas para evidenciar ainda mais a desigualdade social e as questões inerentes ao capitalismo. Neste fim, a família proletária Ki-Taek, depois de toda a tragédia vivida, continua sonhando em ascender socialmente para salvar o pai que se encontra foragido. Contudo, eles estão de volta ao mesmo porão de onde não conseguiram sair. Ao mesmo tempo, a exuberante casa burguesa

da família Park se encontra desocupada. A família Park foi morar em outro lugar demonstrando que a situação econômica da família burguesa permite, até com certa facilidade, uma mudança. Mudança que aos proletários é difícil de realizar dentro da lógica capitalista.

Fazendo uma análise pela perspectiva neoliberal, a família Ki-Taek sobrevive frente a realidade que se apresenta nas lutas sociais cotidianas diante da escassez de oportunidades e condições adequadas. Através do uso de estratégias, buscam – por formas calculadas de desenvolver modos de vida – ultrapassar as dificuldades impostas pelos injustos sistemas econômicos. De alguma forma, esse modo de vida, que usa de estratégias, é uma ferramenta de sobrevivência que dita também o sentido dessas ações, e transforma a família Ki-Taek em protagonistas de suas vidas. A cientista social Verónica Gago (2018), explica como as economias populares buscam lidar com a lógica imposta pelo neoliberalismo que dita essa realidade de escassez. Não se trata exatamente de definir que a situação do filme seja adequada aos pontos estudados por Gago, mas seus conceitos ajudam a entender como se dá a sobrevivência dos excluídos quando eles assumem que precisam gerenciar e empreender suas vidas para conseguir se inserir socialmente.

Por *neoliberalismo de baixo para cima*, entendo, portanto, um conjunto de condições que se concretizam para além da vontade de um governo, de sua legitimidade ou não, mas que se transformam diante das condições sobre as quais opera uma rede de práticas e saberes que assume o cálculo como matriz subjetiva primordial, e funciona como motor de uma poderosa economia popular que mistura saberes comunitários de autogestão e intimidade como o saber-fazer na crise como tecnologia de uma auto-empresarialidade de massas. A força do neoliberalismo pensado dessa maneira acaba se enraizando nos setores que protagonizam a chamada economia informal como uma *pragmática vitalista*. (GAGO, 2018, p.19)

Por esta perspectiva, podemos tentar entender melhor a forma de vida desenvolvida pelas ações da família Ki-Taek. Pragmaticamente, é uma necessidade de adaptar para sobreviver. Contudo, o filme vai além e leva essa situação ao seu auge fatalista, que mostra as consequências desastrosas que as buscas pela realização social e econômica, numa situação extrema de desigualdade de condições, pode atingir.

O filme “Parasita” fala de capitalismo, de neoliberalismo, de ausência do Estado, de acumulação de riqueza por poucos e pobreza para muitos. Trata ainda de

como o poder e a estrutura de dominação cria mundos sociais diferentes, produzindo realidades diametralmente opostas. Um capital que opera uma produção de identidade que impede a maioria dos indivíduos de ter uma autocompreensão sobre si mesmo e sobre a realidade à sua volta. No contexto do filme, o que prevalece é uma noção de conflito que se concretiza com uma reação violenta à também violenta e impiedosa forma com que o capital atua sobre os indivíduos, sobre as famílias e sobre as cidades. Uma violência tão brutal que também revela, como mostra a história, uma difícil capacidade de superação. Uma dificuldade de enfrentamento real, capaz de manter os indivíduos nos mesmos patamares sociais por gerações.

No dicionário, a definição de parasita diz que é um organismo que vive em outro organismo, do qual obtém alimento e, não raro, lhe causa dano e até a morte. A pergunta que fica ao assistir ao filme “Parasita” é sobre quem é o verdadeiro parasita na sociedade capitalista. O parasita é quem opera até quase total extermínio de um modo de vida porque o que se estabelece é a exploração extrema. Quem é esse ser – ou essa classe – que vive sugando a seiva do outro organismo/classe, lhe tirando tudo o que pode, até que ele não consiga viver?

Bibliografia e referências filmicas

GAGO, Verónica. *A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular*. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista* – versão online. Livros Grátis, 2001. Disponível em no endereço <http://livros01.livrosgratis.com.br/cv000042.pdf> . Acessado em 05/03/2020.

PARASITA. Direção: Bong Joon Ho. Elenco: Kang-ho Song, Hye Jin Chang, Woo sik-Choi, Jung Ziso, So-dam Park, Jung Hyeon-jun. Coreia do Sul, 2019. 132 min.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SINOPSE. Site *Adoro Cinema*. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-255238/>. Acessado em 05/03/2020.

WEBER, Max. *Economia e sociedade* (v. 1). Brasília: UNB, 2009.

Recebido em: 02 ago. 2020.
Publicado em: 16 fev. 2021